



O fundador da Autonomia dos Açores com Melo Bento, Presidente da Fundação Sousa d'Oliveira

dependência e colocava a tónica no facto de afirmar “se o país muda, também queremos mudar. Se a autodeterminação e independência é para todos, também é para nós.”

Recordou Mota Amaral que essa possibilidade de independência dá-se primeiro com o MAPA - Movimento para a Autodeterminação do Povo Açoriano, depois com grande vigor a FLA- Frente de Libertação dos Açores. “Não há dúvida que esta ideia da autodeterminação açoriana tinha um vigor enorme. Vinha deitar abaixo velhos preconceitos e velhos simbolismos dos serviços autónomos. Foi um bom contributo para aproximar as pessoas e para perceber-se que os açorianos unidos conseguiriam fazer alguma coisa. Por um caminho que nos obrigava a uma aproximação e a usarmos as nossas energias em conjunto”, Contudo, “este movimento independentista veio a perder dinamismo, assim como mudou a situação em Portugal e quando se verificou que o futuro de Portugal não iria ser uma República soviética e dominada pelos ‘soviets’.”

Nos Açores, as mudanças são reais «A nossa alteração qualitativa do pós ‘25 de abril’ dá-se com as estruturas políticas e administrativas, nas infra estruturas para o desenvolvimento que permitiram proporcionar que as nossas ilhas fossem sociedades modernas”, com a construção de aeroportos, portos, escolas, hospitais. Tudo isso não existia e foi possível concretizar”.

Recordou, para se ter a ideia do que havia, de que quando se candidatara a deputa-

do, em 1969, numa sessão de esclarecimento nos Arrifes, o grande tema de irritação das pessoas era que «não havia electricidade. Nos Arrifes, à porta de Ponta Delgada, havia apenas um cabo que passava pela freguesia e levava electricidade ao Centro de Bovinicultura, e a freguesia às escuras. Aliás, a electrificação de São Miguel só termina em 1980, nas Sete Cidades e Mosteiros”. Isso numa altura em que «a sociedade açoriana era muito estratificada. Havia classes inultrapassáveis. Uma pessoa que nascesse num determinado patamar iria ficar nesse nível. Isso nota-se nas primeiras listas de composição das Juntas Gerais da primeira autonomia. Quem são os nossos gestores? Os senhores condes, e viscondes. E estávamos nisto. «Éramos pobres e a pobreza era visível. «As pessoas andavam descalças naquela altura. A minha escola, em Ponta Delgada, no Campo de São Francisco, uma parte dos alunos iam descalços”, e o cenário que se verificava no resto da ilha e nas restantes ilhas era bem pior. «As alterações das condições sociais surgem dessa dinâmica do 25 de abril”. Desde logo com uma democracia plena, fundada, com participação. O colégio eleitoral foi alargado a toda a gente com mais de 18 anos. A primeira votação foi expressiva com mais de 90% de votantes”. Hoje isso não acontece o que entristece Mota Amaral, pois é a forma que as pessoas têm de se manifestarem. Antes o bloqueio estava no sistema educativo que não permitia que as pessoas estudassem mais mas hoje isso não acontece, o que é muito bom, mas votar tam-

bém é preciso, defende Mota Amaral, que foi, entre muitos cargos, deputado à Assembleia Nacional (eleito como independente nas listas da Acção Nacional Popular) com a democracia após Abril de 1974 e da autonomia constitucional dos Açores foi eleito Presidente do Governo Regional dos Açores, cargo que exerceu desde 1976 até 1995, tendo depois sido deputado e Presidente da Assembleia da República.

Por seu turno, Carlos Melo Bento, presidente da Fundação Sousa d'Oliveira enalteceu, o trabalho desenvolvido nos Açores pelo «primeiro Governante do Povo Açoriano e por este providencialmente eleito para dirigir os seus destinos durante duas décadas. Quem viveu esse período histórico, recheado de dificuldades e sucessos espetaculares, percebe a verdadeira dimensão de Mota Amaral e a sua capacidade de gerir uma conjuntura difícilíssima que não poucas vezes se aproximou duma autêntica guerra civil que a sua capacidade de liderança, o seu tato político e diplomático, e a sua infinita paciência conseguiram debelar sem afetar o gigantesco trabalho de arrancar os Açores da pobreza em que vivia, alçando-nos a um patamar inimaginável, antes do seu histórico consulado.»

Para Melo Bento, João Bosco Mota Amaral, «robusteceu a nossa imagem, poder e capacidade de intervenção perante os poderes centrais sempre cílios e desconfiados e entrou no tablado internacional quer na Europa quer nas Américas com a dignidade que o Povo Açoriano possui e ele dignamente representou. Apoiou o Povo Madeirense e a Madeira, permitindo, numa conjuntura muitíssimo difícil, ajudar a construir o difícil e fantástico aeroporto da pérola do Atlântico, colocando-nos no patamar dos grandes amigos da portugalidade insular, sem que isso molestasse nem pouco mais ou menos, o ritmo avassalador do progresso que imprimiu ao nosso Arquipélago. No plano interno, o estadista respeitou adversários e inimigos, tratando-os democraticamente, e dando um exemplo de democracia como raramente se vê por esse mundo fora. Contra ventos e marés colocou nos eixos os secretos inimigos da democracia e da autonomia, serenamente e com a inteligência superior que Deus lhe deu, galvanizou os que o seguiram, estimulando-os a construir o futuro que outros agora têm nas suas mãos.»

Nélia Câmara



Carlos César

As contas públicas equilibradas são uma vitória de Portugal!

pág. 8



Helena Castanho

Viagem às nossas escolhas

pág. 9



Osvaldo Silva

A produção de cerveja no desenvolvimento da Estatística...

pág. 14



Teófilo Braga

Rui Palhinha, Carreiro da Costa e as plantas

O texto publicado na semana anterior neste jornal foi um dos que mais reações suscitou por parte de alguns alunos e docentes da Universidade dos Açores que me alertaram para podas muito mal feitas e para o abuso das roçadoras que mutilam os caules de algumas plantas. Sobre o assunto (...) apenas, quero afirmar que a manutenção de jardins não deve ficar sob a responsabilidade de “carroceiros”...

pág. 17